

# A concepção sobre “natureza” e “meio ambiente” para distintos atores sociais

**Joseane Aparecida Euclides dos Santos**

Graduanda em Licenciatura em Ciências da Natureza, Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH - Universidade de São Paulo - USP,

*joseanesantos@usp.br*

**Rosely Aparecida Liguori Imbernon**

Professor Associado da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH - Universidade de São Paulo - USP  
*imbernon@usp.br*

**ABSTRACT** *THE CONCEPTION ABOUT “NATURE” AND “ENVIRONMENT” FOR DIFFERENT SOCIAL ACTORS. This study aimed to identify Nature and Environment concepts presented by new students in School of Arts, Sciences and Humanities - EACH, University of Sao Paulo - USP; students in the 7<sup>th</sup> semester in Nature Science Licensure (LCN) in EACH-USP; students of the project University of the Third Age (UNATI) in EACH; students of the preparatory classes from the organization Educação e Cidadania para Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO) and teachers of public schools from São Paulo. The methodology applied consists in questionnaire with questions that provide the groups a free answer, without the media influences. The results have indicated that as well as it occurs in the scientific community, also the groups have no consensus about “nature” and “environment”. However, we observed a tendency to associate “nature” to nature ecosystems, using ecology terms. Therefore, “environment” is associated to space, to urban life, antroposphere.*

**KEYWORDS:** *Environmental education, Nature, Environment.*

**RESUMO** *Neste trabalho buscou-se identificar a construção e significados de “Natureza” e “Meio ambiente” apresentada por alunos ingressantes e graduandos do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza (LCN) da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH/USP; participantes do projeto de extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) da EACH/USP; alunos do curso preparatório para o vestibular da organização não governamental Educação e Cidadania para Afrodescendentes e Carentes (EDUCAFRO) e professores da rede pública de ensino do estado de São Paulo. A metodologia adotada consistiu em questionário dissertativo aplicado aos participantes. Os resultados indicam que não há consenso no tocante à significação da “natureza” e “meio ambiente”. Porém, notou-se que há uma forte tendência em associar “natureza” a ecossistemas naturais, numa percepção focada nas definições da ecologia, enquanto no caso de “meio ambiente” a percepção está focada no espaço, associando-o à vida urbana, à antroposfera.*

**PALAVRAS-CHAVES:** *Educação Ambiental, Natureza, Meio Ambiente.*

## Introdução

O presente estudo consiste em buscar estabelecer de que formas grupos de alunos, em diferentes níveis de ensino, oriundos de diferentes ambientes sociais, “significam” ou “percebem” termos utilizados cotidianamente e que apresentam forte apelo para o desenvolvimento de atividades em Educação Ambiental: os termos “natureza” e “meio ambiente”.

Tal proposta emerge da busca por referenciais que possibilitem o abandono de terminologias que tem se configurado no âmbito do discurso ambientalista de forma recorrente, e que as autoras já haviam observado como forte tendência entre alunos universitários, ao associarem natureza aos processos ecológicos (Santos et al. 2009).

De forma análoga, ao aprofundarmos a pesquisa com grupos sociais que frequentam a universidade, percebemos que em muitas produções textuais tais termos apresentam um caráter polissêmico, ou seja, uma multiplicidade de sentidos que somente são explicados quando analisados os contextos nos quais foram empregados.

Inicialmente, nos remetemos a alguns dos diferentes significados atribuídos a esses termos ao longo da história da humanidade. O conceito filosófico de natureza é inaugurado a partir da tradução latina de Sêneca sobre o conceito grego de *physis* (Gonçalves 2006). Esse termo foi empregado pelos pré-socráticos com o sentido de *substância primordial* e, posteriormente, retomado por Aristóteles, cuja concepção orientada de modo teleológico, concebia a natureza como *algo que meramente acontece se faz presente, cujos entes estão colocados como aquilo que nos envolve e está perto desde o início* (Foltz et al. 2005).

Para Aristóteles a *physis* significava, em suma, aquilo que originava o mundo natural, já que concebia natureza como o mundo das coisas que possuem movimentos próprios (Medeiros 2002). Na Grécia clássica a natureza é basicamente relacionada com a compreensão sobre os movimentos e processos da natureza, e neste contexto o homem assume a posição de *observador* da natureza (Camponogara et al. 2007).

Na Idade Média predomina uma visão de natureza influenciada significativamente pela teologia cristã, e passa a ser compreendida como uma natureza orgânica e imutável, movida eternamente a partir de causas e fins pré-determinados, num mundo situado no centro do cosmos (Castelhou 2006). Esta percepção afeta diretamente a relação homem-natureza, que se configura diferente quan-

do comparada àquela adotada na antiguidade. O homem passa a assumir o papel de dominador, de modo que a natureza é compreendida como resultado de uma obra divina e que deve ser dominada pelo homem.

A Bíblia, um livro de grande influência no pensamento social da Idade Média, explicita a posição de superioridade que deveria ser adotada pelo homem em relação à natureza:

No princípio Deus criou o céu e a terra. (...) e criou Deus o homem a Sua imagem; criou-o à imagem de Deus, e criou-os varão e fêmea. E Deus os abençoou, e disse: cresci e multiplicai-vos, e enchei a Terra e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre os pássaros do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a Terra. (Gênesis Cap. I, Versículos 27–28 – Bíblia Sagrada)

Segundo Porto e Porto (2008) no século XVI a visão cosmológica aristotélico-ptolomaica é abalada pela teoria heliocêntrica proposta por Nicolau Copérnico que, ao destituir a Terra da posição de centro do universo, rompe a separação essencial entre a Terra e o Céu. O desenvolvimento da Ciência Moderna, característica fundamental do período conhecido como Renascença, traz a consolidação do pensamento cartesiano e, conseqüentemente, uma nova visão sobre a natureza. René Descartes propõe que a natureza não se comporta de forma similar a um organismo vivo, como se acreditava na Idade Média, mas sim como uma máquina, dotada de matéria e movimento. Desta forma, o mundo poderia ser explicado não mais pelas escrituras sagradas, mas por meio de causas puramente físicas (Braga e Reis 2004).

Ao propor uma visão mecanicista da natureza, Descartes traz uma perspectiva na qual a natureza é percebida como objeto da razão humana, algo que deve ser dominado pelo homem, e sendo função do homem dominar a natureza é necessário que este se posicione “fora da natureza” (Fiugueiredo 2005).

Assim, ao instituir uma feição mecanicista de natureza, a ciência moderna acabou por despojar a natureza completamente de qualquer vestígio de sacralidade, seja de concepção teológica, filosófica ou ideológica (Costa 2007). E perante essa nova realidade o homem é *desnaturizado*, é retirado do plano da natureza em que até então se encontrava como *animal racional*, passa então a atuar em um cenário em que o atrai ao mundo de tecnologia (Soares 2008).

De fato, verificamos que o termo natureza apresenta uma característica muito interessante do ponto de vista histórico, pois apesar de ter sua origem na antiguidade, tem sofrido um processo contínuo, embora não linear, de reconstrução de seu significado que se estende até a atualidade. Mesmo ao final do século XX, mais precisamente na década de 80, surge a *cosmovisão contemporânea da natureza*, que ainda se encontra em elaboração (Morimoto e Salvi 2009).

De fato, a percepção de natureza como algo externo ao homem apresenta precedentes na literatura, tanto em estudos de caso (Beltrame 2008, Falcão e Roquete 2007, Silva et al. 2007, Falcão et al. 2004), quanto em pesquisas de cunho histórico, e Oliveira (2002) aponta que com o estabelecimento do pensamento cartesiano, a natureza passa a ser vista como recurso, e a oposição entre homem e natureza fica claramente estabelecida.

Percebe-se assim, que a ideia de natureza se revela como sendo produto de uma construção histórico-social que, segundo Rocanglio (2009), está intimamente relacionada a um conjunto de significações decorrentes da classe social a que as pessoas pertencem, sua formação e atividade profissional, seu poder de decisão e intervenções no meio físico-material, aos interesses e as finalidades que, no tempo e no espaço, influenciam seu contato e relação com a natureza.

No século XX em meio às diversas discussões realizadas acerca dos problemas ambientais que surgiram a partir da Revolução Industrial do século XIX, ocorre o surgimento e popularização do uso do termo *meio ambiente*.

Em um levantamento acerca dos significados atribuídos ao termo “meio ambiente” identificamos diferentes concepções, para diferentes propósitos. Desde concepções que buscam a etimologia da palavra (Coimbra 1985); outras que tem como objetivo caracterizar juridicamente o “meio ambiente” (Vio et al. 2001); até concepções que se fundamentam na proposição de procedimentos de orientação para organizações e setores produtivos (ISO-14001 2004), e percebemos um jogo de palavras que são utilizados com a finalidade de caracterizar de forma *concreta* o que para a maioria da população é, muitas vezes, *abstrato*.

Ao buscarmos concepções comparativas, identificamos nos movimentos sociais diferentes percepções ao longo do tempo. No movimento ambientalista, como qualquer outro movimento social, percebemos esse caráter dinâmico, e iden-

tificamos diferentes enfoques, desde o protecionismo, ao conservacionismo, à ecologia política, à gestão articulada até a gestão de sustentabilidade (Loureiro 2006).

A partir da revolução ambientalista ou ecologia política, na década de 60, um novo momento do ambientalismo se dirige para o estabelecimento de uma sociedade que reflita seus processos produtivos, emergindo uma perspectiva multidimensional do ambiente, que envolvesse economia, ecologia e política ao mesmo tempo, de forma a minimizar os impactos e a destruição ambiental e maximizar a igualdade social, a saúde e o bem-estar (McCornick 1992).

A concepção naturalista do meio ambiente visto como a “natureza intocada”, que compreende a flora e a fauna convivendo em equilíbrio e harmonia, foi abandonada em detrimento de uma visão socioambiental (Carvalho 2004). Na concepção socioambiental, o meio ambiente é concebido pelas relações homem-natureza, em constante interação, e, dessa forma, o ser humano passa a ser integrante do meio e torna-se um agente participativo e transformador de seu meio (Carvalho 2004).

Reigota (2001) discute o termo *meio ambiente* e questiona se o significado desse termo consistiria em um conceito científico ou uma representação social?

De fato, essa visão que incorpora relações de poder, classe social e questões políticas, dentro de uma perspectiva sociológica nos remete a uma visão crítica que associamos à visão socioambiental (Guimarães 2000, Loureiro 2002).

As representações sociais, muitas vezes, se fundamentam nos conceitos científicos na forma como foram aprendidos e internalizados (Reigota 2001). Em geral, a representação social está associada ao senso comum que a comunidade tem sobre um determinado tema. Moscovici (1978) salienta que os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas podem compor o senso comum.

Desta forma, qualquer proposta de definição de meio ambiente deverá considerar a complexidade que o tema envolve. Portanto, a discussão entre as concepções de “natureza” e “meio ambiente”, a que se propõe esse trabalho, pretende possibilitar um diálogo entre o que se percebe como definições oriundas de um *senso comum* e da *ciência*, buscando ampliar o horizonte do conhecimento humano e discutir de maneira sistêmica e democrática a questão ambiental (Pina et al. 2004).

## Objetivos

A Educação Ambiental, tanto no contexto da educação formal quando não formal, apresenta um discurso com forte apelo ecológico. A distinção do meio ambiente em “biótico” e “abiótico” que verificamos em livros didáticos, paradidáticos, materiais de divulgação etc., não evidencia os processos e a dinâmica do Sistema Terra, nem as interações entre o meio biológico e os ciclos globais do meio físico.

De fato, o uso do termo “natureza” é enfatizado no sentido da preservação e conservação da biodiversidade; enquanto o termo “meio ambiente”, em geral, para identificar cenários antropizados. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi de identificar as diferentes concepções de “meio ambiente” e “natureza” em distintos grupos sociais e em diferentes faixas etárias, envolvidos de alguma forma com o debate ambiental no âmbito da universidade.

## Abordagem metodológica e atores envolvidos

Para identificarmos as diferentes concepções de “Natureza” e “Meio ambiente”, buscamos envolver em nossa pesquisa grupos de referência que tivessem em comum o envolvimento com instituições de ensino público sediadas na cidade de São Paulo. Assim, foi definido um cenário para a proposição dos questionamentos que fosse comum aos grupos, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades - EACH, da Universidade de São Paulo - USP, localizada na zona leste da Região Metropolitana de São Paulo - RMSP, caracteristicamente uma região formada por um mosaico sócio-econômico-ambiental bastante complexo e difuso.

Da mesma forma, buscamos distinguir os grupos e caracterizar os atores respondentes em função da faixa etária, grau de instrução e nível de escolaridade, e a partir daí foram definidos os grupos para pesquisa:

- Grupo A: estudantes recém-ingressantes na Escola de Artes, Ciências e Humanidades EACH-USP em 2008, matriculados na disciplina do Ciclo Básico - CB (Ciências da Natureza) de diferentes cursos (180 alunos);
- Grupo B: alunos do sétimo semestre do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Escola de Artes, Ciências e Humanidade EACH-USP, matriculados na disciplina de Educação Ambiental (60 alunos);
- Grupo C: alunos do programa de extensão universitária, da Universidade Aberta a Terceira Idade - UNATI-EACH-USP participantes da Oficina de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (25 alunos);
- Grupo D: alunos que se preparam para ingressar na universidade, através do curso preparatório para o vestibular da organização não governamental Educação e Cidadania de Afro Descendentes e Carentes (EDU-CAFRO) visitantes na EACH-USP durante o programa USP e as Profissões (40 alunos);
- Grupo E: docentes da Rede Estadual de Ensino Básico de São Paulo atuando em diferentes escolas na zona leste da RMSP (15 professores).

Para a obtenção de dados, adotamos a pesquisa de campo junto aos atores pesquisados, de forma que eles expressassem suas percepções acerca dos termos “natureza” e “meio ambiente”.

A coleta de dados utilizou como instrumento um questionário dissertativo com respostas abertas, que se mostrou mais adequado para o desenvolvimento desta pesquisa. A aplicação do questionário ocorreu sempre de forma a preceder qualquer informação sobre o tema ambiental, e solicitamos aos participantes que apresentassem suas definições acerca dos termos *natureza* e *meio ambiente* a partir de duas questões simples:

A adoção de um instrumento metodológico totalmente dissertativo possibilitou aos respondentes uma liberdade de expressão maior, o que não seria obtido se comparado a instrumentos estruturados e/ou orientados. Da mesma forma, a aplicação de forma a anteceder o debate sobre o tema ambiental (aula, oficina, palestra, etc.) foi proposital, na medida em que os respondentes estavam preparados para o tema.

Assim, a solicitação foi feita na forma de diálogo com os grupos, envolvendo a reflexão sobre como cada indivíduo utiliza cada uma das expressões ao se manifestar sobre o tema ambiental.

A análise dos dados foi considerada com base na Análise Textual Discursiva, metodologia proposta por Moraes (2003) para a análise de dados qualitativos. Esse método consiste em basicamente três etapas: a unitarização, a categorização e a comunicação.

A unitarização consiste na reconstrução dos textos em unidades que explicitem seus sentidos para o pesquisador. A partir desse desmembramento dos

textos, são geradas as chamadas unidades de sentido. O procedimento denominado *categorização* corresponde ao agrupamento de unidades de sentido semelhantes em categorias. Por fim, a *comunicação* consiste basicamente na discussão dos resultados através de textos descritivos e/ou interpretativos (Moraes 2003).

A metodologia adotada para análise dos produtos (questionários) é de cunho exclusivamente qualitativo, de modo que não há pretensão deste trabalho em apresentar resultados estatisticamente representativos, mas realizar uma discussão sobre as concepções investigadas.

## Discussão e interpretação dos resultados

A partir da análise textual discursiva dos questionários aplicados a cada grupo de respondentes foram relacionadas às ideias centrais das produções textuais. Esse processo tornou possível o mapeamento das concepções de natureza e meio ambiente indicadas nos questionários.

A Tabela 1 conjuga as concepções mais recorrentes entre os respondentes no tocante ao termo *natureza*.

A análise textual sobre o termo *natureza*, nos cinco grupos pesquisados, permitiu que fossem geradas unidades de sentido, a partir das quais configuramos três categorias de respostas, que corresponderiam às seguintes visões de natureza:

- Natureza Biocêntrica,
- Natureza Generalizante, e
- Natureza como valores e sentimentos

A tendência de uma natureza “biocêntrica” foi considerada por evidenciar a influência da Biologia na construção do conceito *natureza*. A construção dos textos explicita presença de elementos que remetem à ideia de “vida”, além da utilização de termos científicos próprios da Biologia, muito recorrentes nos textos dos respondentes da pesquisa, independentemente do grupo. O agrupamento dos termos evidenciou unidades de sentido semelhantes, configurando essa categoria.

A partir das concepções biocêntricas, um novo reagrupamento das unidades de sentido permitiu identificar duas subcategorias: uma que denominamos *vitalista*, e outra *ecológica*.

Na visão de uma natureza biocêntrica vitalista a natureza é percebida como *a vida e tudo que a ela está relacionado*. Ressalta-se que nesta subcategoria

é presente a visão de que *a natureza é a provedora das condições que tornam possível a existência da vida*:

“Natureza: é a mãe da vida, sem ela não somos nada, porém como filhos ingratos estamos sempre tentando destruí-la” (citação de aluno do 7º semestre do curso de LCN-EACH/USP disciplina de Educação Ambiental em 2009).

A segunda subcategoria identificada dentre as concepções de cunho biocêntrico reflete, particularmente, a Ecologia (como conteúdo disciplinar) na construção das visões de natureza dos respondentes. As produções textuais em que a utilização de termos da ecologia como recurso para definir a *natureza* é recorrente foram observadas, principalmente, entre os alunos ingressantes na EACH-USP e os graduandos do curso de LCN-EACH/USP.

Os textos produzidos adotam termos como ecossistema, *habitat*, fauna, flora, entre outros, como sinônimos para *natureza*. É relevante atentar para o caráter muitas vezes dissociativo que estas concepções apresentam, uma vez que nestas concepções são frequentes as alusões a elementos que não fazem parte do cotidiano dos alunos, como florestas, mares, animais selvagens. Enfim há uma tendência a associar a natureza a ambientes florestais em detrimento a uma visão de natureza que englobe ambientes diversos, inclusive os espaços urbanos.

É relevante citar, ainda, as definições que descrevem a natureza como o conjunto de interações que ocorrem entre os seres vivos e o meio físico/natureza. Algumas concepções se assemelham, em alguns aspectos, ao conceito de ecologia proposto por Ernest Haeckel, em 1870 segundo o qual *a ecologia é o estudo das complexas inter-relações, chamadas por Darwin de condições da luta pela vida, estas percepções denotam uma forte associação entre as concepções de ecologia e natureza*.

A visão generalizante de natureza é definida como *o conjunto de tudo que existe e/ou nos cerca*. Essa visão foi identificada em todos os grupos, e percebe-se nas produções textuais a natureza como algo onisciente e revela, em determinados respondentes, a existência de uma separação entre o ser humano e a natureza; em muitas respostas a natureza é compreendida como todas as coisas que se enquadram nos seguintes critérios: *não se originar, interagir ou depender do homem*.

A visão de natureza como valores e sentimentos se reflete, principalmente, nos grupos C, D e E. As

Tabela 1. Concepções mais recorrentes entre os respondentes para o termo natureza

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>	<b>Grupo C</b>	<b>Grupo D</b>	<b>Grupo E</b>
Natureza Intocada/ Imutável	Natureza é vida e fatores associados a ela	Tudo que foi criado por Deus	Natureza é a vida e fatores associados a ela	Todos os seres vivos
Tudo a nossa volta	Tudo a nossa volta	Corpos d'água, plantas e animais	Tudo que é belo, mágico, natural	Corpos d'água, plantas e animais
Componentes da Terra e/ou Universo	Natureza Intocada	Tudo que é natural	Fauna e Flora intocada	Meio ambiente
Natureza é a vida e fatores associados a ela	Interações entre os seres vivos e os elementos naturais	As plantas e os animais	Tudo que é saudável	Fonte de condições propícias a existência da vida
Animais, florestas, rios, mares...	Beleza, harmonia e paz	Estilo de vida saudável	Agentes naturais	Fonte de bem estar
Todos os seres-vivos e não-vivos	Todos os ecossistemas	Tudo que foi criado por Deus	Corpos d'água, plantas e animais	Tudo associado à vida
Fauna, flora, ecossistemas, habitat	Meio Ambiente	Corpos d'água, plantas e animais	Tudo que possui forma própria	Flora
Recursos Naturais (utilitarista)	Patrimônio Natural	Tudo que é natural	-	-
Interações entre seres vivos e elementos naturais	Objeto de reflexão	As plantas e os animais	-	-
Meio Ambiente	Tudo que é espontâneo	Estilo de vida saudável	-	-

Tabela 2. Concepções mais recorrentes entre os respondentes para o termo meio ambiente

<b>Grupo A</b>	<b>Grupo B</b>	<b>Grupo C</b>	<b>Grupo D</b>	<b>Grupo E</b>
Meio ambiente é a vida e os fatores associados a ela	Meio/Espaço em que vivemos	Meio ambiente é a vida e os fatores associados a ela	Meio/Espaço em que vivemos	Preservação da Natureza
Espaço onde seres vivos e ambiente interagem	Espaço onde seres vivos e ambiente interagem	Espaço onde seres vivos e ambiente interagem	Espaço agradável	Meio/ Espaço em que vivemos
Espaço em que a natureza encontra-se presente	Ecossistemas, habitats, biomas...	Espaço em que a natureza encontra-se presente	Universo	Corpos d'água, plantas e animais
Relação seres vivos - natureza e/ou homem - natureza	Componente da natureza	Relação seres vivos - natureza e/ou homem- natureza	Equilíbrio Ecológico	-
Meio a nossa volta	Amor, cuidado e respeito	Meio a nossa volta	Relação homem - natureza	-
Ambiente intocado	Meio ambiente é a vida e os fatores associados a ela	Ambiente intocado	Tudo que é saudável	-
Fauna e flora	Tudo entre a crosta terrestre e a atmosfera	Fauna e flora	Meio/Espaço em que vivemos	-

unidades de sentido se remetem à sacralização da natureza em *tudo que foi criado por Deus*; à idealização em *tudo que é belo/mágico/natural*, ou a uma visão multidimensional de natureza em *estilo de vida saudável/tudo que é saudável, fonte de bem estar*.

De maneira geral, observou-se que os textos analisados apresentaram em comum um caráter dissociativo entre homem e natureza, de modo que predomina uma visão de natureza como um mundo sem interferência humana, embora se admita, por exemplo, que a natureza é primordial para a existência da vida, e para o estilo de vida atual das pessoas.

Essa constatação nos permite inferir que os respondentes concebem a relação homem-natureza como um caminho de mão única, em que se admite que a natureza seja um fator importante na realidade do homem, mas a interferência do homem para com a natureza não é percebida como algo positivo.

A percepção de uma natureza externa ao homem encontra precedente na literatura, e Gonçalves (1998) discute a ideia de uma natureza objetiva e externa, visão que, segundo o autor, pressupõe uma ideia de *homem não-natural e fora da natureza*.

Para a análise do termo *meio ambiente*, os resultados estão apresentados na Tabela 2.

A análise textual sobre o termo *meio ambiente*, nos cinco grupos pesquisados, foi efetuada como para o termo *natureza*, e permitiu que fossem geradas as unidades de sentido, a partir das quais configuramos quatro categorias de respostas, que corresponderiam às seguintes visões de *meio ambiente*:

- Meio Ambiente Espacial;
- Meio Ambiente Biocêntrico;
- Meio Ambiente como valores e sentimentos;
- Meio Ambiente como sinônimo de Natureza

A primeira categoria indicou a predominância de uma percepção espacial, onde o *meio ambiente* é compreendido como o “espaço em que existe vida”.

Essa associação *meio ambiente-vida* pode ser explicada pela relação que estabelecemos com o lugar “...os ambientes adquirem os atributos de lugar, pela fusão da ordem natural e humana, e a identificação com o lugar é conseguida quando se identificam e se experimentam satisfações sensoriais, emocionais e espirituais com o ambiente (Dubos 1981 p. 96).

A segunda categoria evidenciou concepções de *meio ambiente* biocêntrico, e tal como para o termo *natureza*, indicaram o *meio ambiente* basicamente como “o meio em que existe vida”. Cabe ressaltar que são

frequentes em todos os grupos as concepções em que o homem é percebido como um ser incluso ao meio ambiente sem, no entanto, apresentar sua participação.

Em Bezerra e Gonçalves (2007) os autores observaram percepções semelhantes de *meio ambiente* produzidas por professores da Escola Agrotécnica, no Pernambuco, e verificamos que os grupos A e B apresentaram unidades de sentido semelhantes.

O conceito *meio ambiente* é, por vezes, associado a valores e sentimentos, indicando uma habilidade afetiva em sobreposição a uma habilidade cognitiva. Resultados semelhantes foram observados quando tratamos, anteriormente, o conceito de *natureza*, em que os grupos C, D e E respondentes associaram o termo *natureza* a valores e sentimentos. Para *meio ambiente*, no entanto, as unidades de sentido foram indicadas em todos os grupos.

A questão da preservação do *meio ambiente*, embora não fosse objeto específico desta investigação, recebeu destaque pelos respondentes, pois verificamos que parte dos pesquisados optaram por definir o *meio ambiente* como “o conjunto de tudo que deve ser preservado”. Os resultados obtidos podem ser indicativos do quão presente a questão da preservação ambiental está entre os respondentes, fato bastante recorrente nos meios de comunicação em geral.

## Conclusões

De modo geral, percebemos que os respondentes apresentam uma visão de *meio ambiente* e *natureza* que reflete, em alguns casos, seu protagonismo social: alunos da EACH respondentes apresentaram visão mais biocêntrica, que reflete o contexto social em que se inserem; os alunos da UNATI (todos acima de 60 anos de idade), os alunos de cursinho pré-vestibular e professores da rede pública de ensino, uma visão ora sacralizada ora idealizada de *natureza*.

Ressalta-se um aspecto importante observado nas produções textuais, qual seja, as articulações realizadas pelos respondentes entre os termos “*natureza*” e “*meio ambiente*”. Em todos os grupos as produções textuais apresentaram *natureza* e *meio ambiente* como sinônimos, ou ainda, um como parte integrante do outro.

Ao considerarmos que a primeira década do século XXI nos impôs uma realidade na qual as discussões acerca da crise ambiental são recorrentes

tes no cotidiano, verificamos que os termos meio ambiente e natureza estão presentes em diferentes discursos sociais. Desta forma, qualquer ação em Educação Ambiental que busque uma reflexão sobre a relação homem-natureza/meio ambiente, precisa considerar a forma como concebemos “natureza” e “meio ambiente”, assim como, também, as consequências que tais concepções acarretam no contexto de uma visão socioambiental, pressupondo uma educação ambiental crítica, na construção de valores e atitudes.

Assim, os resultados deste trabalho confirmaram a presença de uma polissemia dos termos “natureza” e “meio ambiente”, e indicaram ainda haver a predominância de uma “percepção espacial e antropocêntrica” para meio ambiente, em detrimento de “uma visão mais ecológica” para a natureza, na qual a natureza é vista como uma “entidade” isolada do cotidiano social. O que implica o olhar mais atento do Educador quando na proposição de ações em Educação Ambiental.

## Referências Bibliográficas

- Beltrane R.J.A. 2008. *A Concepção de Natureza entre Estudantes do Curso de Graduação em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina*. Florianópolis, Univ. Fed. Santa Catarina. 65p. (Dissert. Mestr.).
- Bezerra T. M. O, Gonçalves A. P. C. 2007. Concepções de Meio Ambiente e Educação Ambiental por Professores da Escola Agrotécnica Federal de Vitória de Santo Antão - PE. *Biotemas*, **20**(3):115-125.
- Bíblia, Português 1994 *Bíblia Sagrada*. Bíblia Online URL: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>.
- Braga M., Guerra A, Reis J.C. 2004. *Breve História da Ciência Moderna*. Vol. 2: Das Máquinas do Mundo ao Universo. Máquina séc XVI a XVII. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- Camponogara S., Kirshhof A.L.C., Ramos F.R.S. 2007. Reflexões Sobre o Conceito de Natureza: Aportes Teóricos Filosóficos. Fund. Univ. Fed. Rio Grande. *Rev. Eletr. Mestr. Educ. Amb.*, **18**(Janeiro a junho).
- Carvalho I.C.M. 2004. *Educação ambiental: A formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- Castelnou A.M.N. 2006. Cidade e Natureza: Uma introdução ao Tema. Piracicaba, *Impulso*, **17**(44):17-30.
- Coimbra J.A.A.O. 1985. *Outro Lado do Meio Ambiente*. CETESB. Esecetesb. São Paulo, CETESB, SP, 110 p.
- Costa S.S. 2007. *Compensação Ambiental: Uma alternativa de recursos para a implementação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza*. Brasília, Univ. Brasília. 165p. (Dissert. Mestr.).
- Dubos R.J. 1981. *Namorando a Terra*. São Paulo. Ed. Melhoramentos, 1981. 120p.
- Falcão E.B.M, Barroso M.F, Belo C.L.A. 2004. Representações de natureza e caracterização do perfil cultural dos estudantes de Física da UFRJ. In: Enc. Pesq. Ens. Física, 9, São Paulo, 2004. *Anais...* São Paulo: Soc. Bras. Física.
- Falcão E.B.M., Roquete G.S. 2007. As Representações sociais de natureza e sua importância para a educação ambiental: uma pesquisa em quatro escolas. *Ensaio. Pesq. Educ. Ciências*, **9**:1.
- Fiugueiredo T. 2008. Sentir, Pensar e Agir. A Educação Ambiental na Perspectiva Biocêntrica. Pelotas: *Rev. Pens. Biocêntrico*, (9).
- Foltz B.V., Frodeman R. ed. 2004. *Rethinking nature: essays in environmental philosophy*. Bloomington: Indiana Univ. Press. p.149-164.
- Gonçalves C.W.P. 1998. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1998.
- Gonçalves M. 2006. *Filosofia da natureza*. Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro. 2006
- Loureiro C.F.B. *O movimento Ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.
- McCormick J. 1992. *Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.
- Medeiros M.G. 2002. *Natureza e Naturezas na Construção Humana: Construindo Saberes das Relações Naturais e Sociais*. Bauru: *Ciência e Educação*, **8**(1):71-82.
- Moraes R. 2003. Uma Tempestade de Luz: A compreensão Possibilitada pela Análise Textual Discursiva. *Ciência e Educação*, **9**(2):191-211
- Morimoto C., Salvi R.F. 2009. As Percepções do Homem Sobre a Natureza. In: *12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, Caminando en una América Latina en transformación*, Montevideu, 2009.
- Moscovici S. 1978. *A representação social da psicanálise*. Zahar ed. Rio de Janeiro.
- Oliveira A.M.S. 2002. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. *Scripta Nova*, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Univ. Barcelona, **VI**(119):18.
- Pina A.T.M, Luz A.C.R, Barros M.F.G., Santiago P.C., Silva L.P. 2004. Concepções de Meio Ambiente de alunos de uma Escola de Ensino Fundamental de Belém. In: Enc. Nac. Didática e Prática de Ensino, 12, Curitiba. *Anais...* Curitiba: PUCPR.
- Porto C.M., Porto M.B.D.S.M. 2008. A Evolução do Pensamento Cosmológico e o Nascimento da Ciência Moderna. *Rev. Bras. Ens. Física*, **30**(4):4601-4601.
- Reigota M. 2001. *O meio ambiente e representação social*. 4

- ed. São Paulo: Cortez, 2001. 87p. (Col. Questões da nossa época, v. 41).
- Rongaglio C. 2009. A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico. Ed. UFPR. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, (19):111-128.
- Santos J.A.E., Rodrigues, J., Imbernon, R.A.L. 2009. As diferentes concepções de natureza, meio ambiente e ciências da natureza para alunos do ciclo básico da Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH-USP. *Rev. Metáfora Educacional*, (7):15-26.
- Silva I.M., Cardoso I.B.F., Falcão E.B.M. 2007. Estudantes de Graduação em Ciências Biológicas e suas representações de Natureza: Uma reflexão para análises em Ecologia Humana. In: Congr. Ecologia do Brasil, Caxambu, 2007. *Anais...* Caxambu.
- Soares M.L.A. 2008. Da evolução da concepção de Natureza e de Homem na ambiência de uma Educação Ambiental Crítica. In: ANPED. Caxambu, 2008. *Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação*. Rio de Janeiro, ANPED.
- Souza R. 2004. *Visões de Natureza x Vértentes Ideológicas do Ambientalismo*: Contribuição ao Debate Sobre a Sustentabilidade no Brasil. In: Enc. Assoc. Nac. Pós-Grad. Pesq. Amb. Sociedade, 2, Indaiatuba, 2004. *Anais...* Indaiatuba, ANPPAS.
- Vio A.P.A. 2001 (coord.). *Direito Ambiental de áreas protegidas*. O regime jurídico das unidades de Conservação. Rio de Janeiro: Ed. Forense Univ. 547p.